

"Brazilian wow effect" é como, buscando ajuda no inglês, o proprietário tenta resumir o impacto que sua morada praiana provoca em quem a visita

MAIS COMPLETA TRADUÇÃO

FALTAM PALAVRAS PARA O ESTILISTA **SERGE CAJFINGER** DESCREVER SUA PROPRIEDADE. DEITADA **ENTRE O MAR E A MATA**, ELA PASSOU A ABRIGAR UM ACERVO DE DECORAÇÃO REUNIDO EM PARIS DURANTE DÉCADAS. O PAVILHÃO, CONCEBIDO PELO **STUDIO MK27** LADO A LADO COM O CLIENTE, TRADUZ A SINTONIA ESTÉTICA ENTRE PESSOAS QUE FALAM A MESMA **LÍNGUA ARQUITETÔNICA**

TEXTO JOANA L. BARACUHY FOTOS FERNANDO GUERRA/DIVULGAÇÃO

O PROJETO ENFATIZA A VIVÊNCIA DA NATUREZA. EM DIAS DE CHUVA, AS PESSOAS SE MOLHAM SOB O PERGOLADO, AO CAMINHAR DE UM AMBIENTE A OUTRO



Acima, repare na estrutura de madeira – presentes em intervalos regulares, 14 pórticos amparam a trama vazada de biribinha (tronquinhos de eucalipto) que filtra a luz do sol e deixa entrar a chuva: a solução responde singelamente às imposições do clima, captura nuances da cultura construtiva da região e sintoniza o desejo do proprietário de ater-se ao sensorial; e, à esq., o jogo de sombras flui em meio aos deques que unem os cinco blocos de concreto, cujas esquadrias podem recolher-se inteiramente, maximizando as aberturas – esteiras de taboa forram as cadeiras de cimento Loop Chair, de Willy Guhl, e o banco foi entalhado por um marceneiro local em uma tora de braúna

A armação de madeira laminada colada sustenta o pergolado pelo alto, estabelecendo uma escala agradável, vãos generosos e ambientes sem profusão de pilares – os painéis vazados feitos com tronquinhos são protagonistas, deixando aberturas aqui e ali para a passagem de árvores preexistentes no terreno, enquanto o deque fica a 40 cm do solo, cercado pelo mar de 1.300 mudas de espada-de-são-jorge, e o mobiliário tem cadeiras Technicolor, da Tidelli





Acima, ângulo da sala de almoço mostra mesa e pendentos assinados por Roger Capron, cadeiras Meribel, de Charlotte Perriand, e vasos de Bruno Gambone – diante da força da coleção do morador, a ordem usual (primeiro a arquitetura, depois o design de interiores) foi subvertida e, de bom grado, a equipe do Studio MK27 pensou desde o início em espaços e recursos capazes de evidenciar os móveis e as obras de arte; e, à esq., sofá C11, de Marcus Ferreira para a Carbono – ao fundo, esculturas Girouette Marbella, de Philippe Hiquily, expostas sobre aparador de granito chumbado na parede de concreto da sala

"ABRO AS PORTAS DO QUARTO E TENHO A PRAIA E A MATA NATIVA, EXUBERANTES, AO ALCANCE DOS OLHOS", DIZ SERGE CAJFINGER

A conversa sobre esta casa espaiada entre o oceano azul-turquesa e um maciço verdejante de Trancoso, vilarejo idílico que dispensa comentários, se inicia com declarações afetuosas de parte a parte. Se, de um lado, o arquiteto Marcio Kogan* e a equipe do Studio MK27 atestam a participação mais do que especial do proprietário (trata-se de caso único no escritório em que o cliente figura como coautor, citado nos créditos como responsável pelos interiores), de outro, o estilista francês derrete-se em elogios ao time. "Havia anos eu sonhava em chamar o Marcio. Não pensava em fazer minha nova morada com mais ninguém", explica Serge Cajfinger. Nascido em Lille, o fundador da marca Paule Ka passou a infância em Porto Alegre e depois fincou raízes em Paris e no Rio de Janeiro.

Já se vão algumas décadas desde que o criativo descobriu o amor pela decoração e pela arquitetura. E, com seu olhar certeiro, pôs-se a arrematar cerâmicas, telas, esculturas e mobiliário dos anos 1950 e 1960, compondo um acervo particular de supremo apuro estético. Foi tão prazeroso que ele ousou alçar voos mais altos, arriscando-se a transpor a estrutura das roupas que assinava e das ambientações que desenvolvia para sua grife a uma escala maior.

A iniciativa redundou no chamado recebido em 2015 por Kogan, que prontamente topou o desafio e se lançou à varredura pelas coordenadas geográficas ideais para Cajfinger materializar seu plano (do Ceará à Bahia, eram inúmeras as localidades no radar). "Anos atrás li uma entrevista do Serge na qual ele falava do desejo de trabalhar com a gente. Quando ele efetivamente nos procurou, eu me lembrei da história. Mal acreditei", relata o titular do estúdio paulistano sobre o convite, aceito com entusiasmo.

A escolha de um lote privilegiadíssimo na praia de Itapororoca foi ponto de partida e fator determinante para o resultado final, no qual razão e emoção se equilibram. "Ficou com um quê de Bahia modernista", avalia Kogan, após procurar as palavras exatas em algum lugar entre a *chanson française*, a bossa nova e Dorival Caymmi. Ele se refere à construção racional, porém orgânica, desenhada como uma grande sombra – fundamental diante das temperaturas escaldantes da região –, que parece pairar acima do solo. O concreto onipresente, ao lado de amplos deques e das biribinhas na cobertura, estabelecem a paleta a um só tempo neutra e calorosa que acolhe os itens da coleção do designer de moda, verdadeiros guias dos caminhos percorridos pelo processo projetual.

"É muito difícil romper com os pragmatismos. Tive a oportunidade de contar com um arquiteto que não só me levou junto na sua viagem conceitual, mas além", sentencia Cajfinger a respeito de como a técnica superou a lógica e flertou com o sublime no refúgio composto de cinco células básicas para a realização das diferentes funções – cozinha, almoço, sala e três suítes, tudo unido por um pergolado. Para chegar a esse *statement* do futuro que almejava para si, Cajfinger praticou o legítimo desapareço, optando por simplificar em vez de incrementar, livrando-se de fórmulas preconcebidas e detalhes desnecessários. Abriu espaço apenas para a sua história pessoal, narrada coletivamente pelas peças embarcadas em contêineres.

Hoje, é na refinada *maison* que o proprietário conjuga reuniões de trabalho ao relax no ritmo desacelerado típico do litoral baiano, para então dar vazão à veia perfeccionista, ainda pulsante, e encarar com prazer tarefas de manutenção, principalmente no jardim, nas trilhas de areia e no entorno da piscina. O que nos leva ao paisagismo assinado por Isabel Duprat, outra intérprete habilidosa dos desejos e da língua do cliente – meio francesa, algo brasileira, certamente multicultural. Nessa hora, ele deixa escapar mais um neologismo: o termo "enlouquecente", formulado para descrever a área externa e seu pavilhão como um todo. E, com essa expressão única, encerra seu relato. ●

Com a suite principal abrindo-se diretamente para a sala, o morador chegou ao essencial, sem corredores nem circulações desnecessárias e uma decoração de espírito quase minimalista: próxima à cama de *brauna*, design do Studio MK27, fica a cadeira *Anel*, de Ricardo Fasanello, sobre tapete da *Phénicia Concept*, e, em primeiro plano, poltrona *Vivi*, de Sergio Rodrigues – na parede, obra de Mark Weinstein

*Além de Marcio Kogan e Serge Cajfinger, envolveram-se no projeto: Beatrix Meyer, Carlos Costa, Diana Radomysler, Laura Guedes, Marcio Tanaka, Mariana Simas, Oswaldo Pessano e Pedro Ribeiro



A **CASA NÃO SE REVELA**
PARA QUEM ESTÁ NA PRAIA,
MAS A PARTIR DO DEQUE SE
ENXERGA A **PISCINA DE**
LINHAS SINUOSAS E, MAIS
ADIANTE, O **MAR**

Com traçado nem propriamente orgânico, nem retilíneo, a piscina gera alguma polêmica entre autor e cliente: um a vê como homenagem a Burrell Marx (1909-1994), outro a entende como referência direta ao modernismo da Costa Oeste americana – coube à paisagista Isabel Duprat definir seu formato sinuoso e eleger a pastilha verde-escura da Jatobá para o revestimento, num resultado que sugere um lago estilizado e refrescante